

# O RESGATE E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO LUGAR NA GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA\*

## The Retrieval and the Importance of the Place Concept in Geography in Pandemic Times

José Adolfo Iriam Sturza\*\*

**Resumo:** Este artigo é uma reflexão teórica que discute o lugar e o não-lugar dentro da ciência geográfica, destacando-se a análise da casa, o bairro e a cidade como espaços vividos pelo homem. O texto contribui com os estudos de percepção em geografia aplicados no conhecimento da relação homem-ambiente. A metodologia utilizada foi essencialmente a pesquisa bibliográfica. Conclui-se que o conceito lugar representa um sustentáculo e meio para a construção da identidade pessoal e familiar. Por outro lado, o não-lugar está mais presente na vida humana e indica os diferentes espaços de vivência rápida, geralmente associados ao trabalho, lazer e turismo.

**Palavras-chave:** Percepção, Lugar, Não-lugar

**Abstract:** This article is a theoretical reflection which discusses the place and placelessness inside geographic science, highlighting the analysis of the house, the neighborhood and the city as spaces lived by the individual. The text contributes with the studies of perception in geography applied in the knowledge of the relation man-environment. The methodology used was essentially the bibliographic research. It was concluded that the concept place represents a support and means for the construction of the personal and family identity. On the other hand, the placelessness is more present in the human life and indicates the different spaces of rapid living, generally associated to work, leisure and tourism.

**Keywords:** Perception, Place, Placelessness.

## Introdução

Os atuais tempos de pandemia, motivados pela disseminação do Covid-19 pelo mundo, traz à discussão a relação homem-ambiente, que impõe ao indivíduo o isolamento social e quarentena em sua casa. Nesse re(conhecer) a casa como ambiente de estar e permanecer, ocorre muitas vezes o estranhamento, a repulsa, pois o mundo pós-moderno trouxe espaços-tempos em diferentes escalas e o homem transitando cotidianamente entre eles.

O homem, como ser histórico e geográfico, tem a existência e experiência ambiental regidas pelas regras da discutida globalização e revolução tecnocientífica que unem e desunem diversas dimensões de tempo e espaço. A coexistência e a dialética do local-regional e do indivíduo-ambiente carecem de uma compreensão humana no âmbito da ciência para ensejar um novo grau de integração do homem no ambiente

\* Parte teórica de nossa tese (Sturza, 2005) revisada e atualizada para contribuir na discussão geográfica em tempos de pandemia do Covid-19.

\*\* Pós-Doutor em Geografia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Ambiental da UFR. E-mail: jasturzaroo@gmail.com.

que o comporta e, ao mesmo tempo, é produzido e modificado por ele.

As relações produzidas e reproduzidas no espaço entre homem e natureza ainda detêm a discussão científica, principalmente entre os geógrafos, que buscam no tocante ao espaço um corpo conceitual e metodológico que permita à geografia consolidar-se epistemologicamente, entendendo a sociedade dentro da natureza e esta última como campo das relações sociais. Entretanto, a Geografia que deveria investigar as inter-relações resultantes da experiência mais íntima entre homem e ambiente, esbarra em rupturas epistemológicas, referenciais teórico-metodológicos e posturas filosóficas que distanciam o sujeito do objeto, em análises parciais desprovidas da experiência e vivência pessoal e/ou coletiva.

A ciência em pauta é construída na discussão das formas interativas entre homem e ambiente e do espaço ocupado e exigido por estas, no plano individual e coletivamente, e paralelamente ao avanço científico e tecnológico. A ciência dos lugares, como já foi conhecida a Geografia, resgata o lugar na perspectiva do mundo vivido e como dimensão do espaço geográfico, principalmente nas relações do homem com o meio ambiente. Cabe também a este geógrafo proceder à análise das relações entre o homem e o meio ambiente fundamentado nas bases da geografia humanista e à luz da releitura dos trabalhos pioneiros de Buttimer,

Lowenthal, Tuan e Relph, entre outros e, principalmente, tratar das “preferências dos indivíduos, seus sonhos e utopias que os lança à ação” (CLAVAL, 2002, p. 30).

Para Habermas (1987), ao lado do mundo vivido coexiste o mundo societário, regido pelo sistema político-econômico vigente, que mundializou a economia e a política, enfim a própria reprodução do espaço. O mundo vivido compreende a visão de mundo apropriada pela cultura formal e informal e a experiência pessoal do indivíduo. O espaço vivido perdeu o sentido no cotidiano da vida e com ele a percepção do meio ambiente ficou restrita, repercutindo na fragilidade e pragmatismo dos conceitos e valores ambientais, notadamente aqueles ligados às paisagens e ao lugar. O homem perdeu-se na dialética entre o interior (eu) e o exterior (meio ambiente), nas palavras de Bachelard (2000), o que o leva a um processo de desindividuação sem identidade que serve de instrumento para uma práxis social de ideologia político-econômica tosca e acrítica. Por isso, vê-se que a percepção do EU e do mundo não é um evento isolado, nem isolável da vida cotidiana das pessoas (OLIVEIRA; MACHADO, 2004).

Em nosso país a percepção que temos do lugar está confinada aos *arquétipos* nacionais emergidos de uma sociedade patriarcal que mascara e dificulta a construção de uma identidade individual e coletiva. O arquétipo, conceito introduzido por Carl G. Jung (1875-1961), representa uma manifestação do inconsciente coletivo na forma de padrão ou modelo comportamental (PAULA CARVALHO, 1992). Para ultrapassar essas amarras e clausuras ideológicas, a conjuntura histórica e cultural deve ser esfacelada e avaliada por esquemas e filtros perceptivos que construam, paralelamente, a identidade do lugar e da consciência de indivíduo e de cidadão.

As pesquisas no campo da percepção investigam as aspirações, decisões e ações, individuais e coletivas, que os homens desenvolvem em relação ao ambiente em que vivem – lugares e paisagens – e devem ser avaliadas sob criteriosa análise das preferências, percepções, atitudes, valores e imagens elaboradas pela mente humana. Os conceitos de lugar e seus correlatos, topofilia, topofobia e topocídio e não-lugar, adquirem grande potencialidade na discussão e tomada de consciência de novo relacionamento entre os homens e o lugar. É este último o verdadeiro palco das paixões humanas que, por meio da ação comunicativa, “são responsáveis pelas diversas manifestações de espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 1996, p. 258).

O artigo tem por objetivo discutir o lugar e o não-lugar como categorias importantes na compreensão do homem e suas relações com diferentes escalas ambientais, sob o prisma da ciência geográfica. Inicialmente trata-se do lugar onde se analisa as categorias clássicas da casa, o bairro e a cidade como espaços vividos

pelo homem. Depois se apresenta o não-lugar, caracterizando-o como um espaço de rápida vivência e transitório na vida das pessoas.

## O lugar

A análise do conceito de lugar nos conduz a identificar uma tensão ou confusão entre definição e experiência, a primeira relacionada às atividades de abstração e cognição e a segunda, mais ligada à experiência humana com o lugar, especialmente no tocante à percepção, atitudes e valores, portanto afetiva e emocional. Lugar sempre foi um conceito-chave discutido no cerne da Geografia, porém sob o espectro de diversas abordagens e olhares específicos que não conseguem mostrar a sua amplitude resultante da multiplicidade de interconexões entre o homem e o ambiente.

Lugares não são apenas abstrações ou conceitos, mas são fenômenos experienciáveis diretamente do mundo vivido, cheio de significados, objetos reais e atividades. Para Relph (1976, p. 141), são importantes fontes de identidade individual e comunitária, ou melhor, “centros das nossas experiências imediatas com o mundo”, resultados de fusões do natural com o humano. A definição dos lugares reside mais na experiência e intenções humanas do que na localização, paisagem e comunidade.

Na realidade, a discussão de lugar envolve a dicotomia tradicional da experiência e existência refletidas no simbolismo, pois o lugar tem sua faceta de espaço universal, abstrato e simbólico. Por isso, é foco de diversas vertentes filosóficas, especialmente a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), que tratou do *mundo vivido* mais no âmbito do ser e da existência, sem contemplar o ambiente. Gould, Relph, Yi-Fu Tuan, entre outros geógrafos, reagiram a estas propostas na segunda metade do século passado, por volta da década de 1970, porém, continua o dilema desgastante para a Geografia, gerado e ainda ativo na discussão do método, entre a explicação positivista e a compreensão fenomenológica, ou seja, a objetividade e o subjetivismo.

Tuan (1983) comenta que a “maioria dos dados provindos da experiência é negligenciada porque não podem ser encaixados nos conceitos das ciências que aceitamos sem criticar” e que consistem no grosso cabedal científico desenvolvido e defendido no rigor da mensuração. Neste caso, a geografia humanista, que trata da experiência humana com o espaço e o lugar, ainda encontra dificuldades de aceitação quando investiga e apresenta, cientificamente, a realidade das percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente. Contudo, é possível sistematizar as experiências humanas com o espaço e o lugar a partir da ação co-

tidiana, que nos mostra um mundo tremendamente complexo e seres humanos com suas experiências mais simples. A distinção entre o lugar e o espaço reside na nossa experiência com ele, por isso o lugar compreende momentos particulares em espaços particulares; em outras palavras, lugar é o nome para o espaço/tempo que “emerge de um espaço indiferenciado quando o conhecemos e dotamos de valor” (MACHADO, 1988, p. 98)

Tuan (1983) escreve que o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanência carregadas e vivenciadas pelo homem; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente. Para o autor, é importante o tempo para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Em certos casos é necessário um longo tempo para construir raízes num determinado lugar, porém nada impede que alguém se apaixone por um lugar num contato rápido ou numa estória sobre ele. A qualidade e a intensidade da experiência são mais importantes do que a duração, rara na sociedade moderna, na qual o homem se movimenta tanto, sem tempo para enraizar-se num lugar tornando sua experiência mais duradoura e profunda. O autor ainda acrescenta, no que se refere aos objetos do lugar, que “os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção...”. “Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos” (TUAN, 1983, p. 159).

O autor considera também, que estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente daquela de cultivar “sentido de lugar” (TUAN, 1983, p. 219) quando se precisa vivenciá-lo até se conseguir um conhecimento sensível e cognitivo que lhe dê identidade.

Para Ramon (1985), além da natureza fenomenológica do conceito lugar, é necessário recuperar sua dimensão existencial, que ajuda a relembrar o sentimento de apego e enraizamento, processo fundamental para a reconstrução da própria identidade e desenvolver costumes e rotinas, componentes essenciais ao bem-estar psíquico. Em sua *Poética do espaço* (2000), Gaston Bachelard atribui ao lugar uma importância ímpar, recomendando ser mais útil uma *topoanálise* – exploração da identidade pessoal através do lugar – do que uma *psicoanálise* – exploração da identidade pessoal através do “eu”. Neste sentido existencial, Relph (1976) considera que os lugares são “centros de significados ou intenções, entendidos tanto cultural como individualmente”, pois espelham múltiplas facetas do indivíduo, do espaço e da sociedade. Nossa pesquisa pode avançar na determinação e conhecimento dos indicadores topoanalíticos e psicoanalíticos que unem e formam a identidade da pessoa e do lugar.

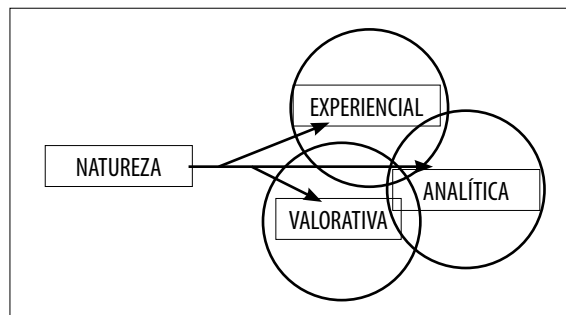
Sack (1988) critica as orientações e perspectivas particulares da Geografia e subdisciplinas que não estudam o lugar na sua integridade, quando este é “uma

forma básica de integração”. Para o autor as pesquisas sobre lugar ainda estão viciadas de perspectivas fragmentadas do natural, social ou humanista, quando, na realidade, lugar é um conceito integrador que apresenta interconexões entre a natureza, relações sociais e significado. O próprio autor, ainda vê na concepção e análise do lugar de forma integrada, a partir das “divisões genéricas modernas do conhecimento (*natureza, significado e relações sociais*)” (SACK, p. 231), a possibilidade de ampliar a compreensão dos problemas tanto da natureza como da sociedade; sintetizando, do lugar, principal elo entre elas.

Machado (1988, p. 03) comenta que a vivência e a experiência em relação aos lugares geram a atribuição de valores, cujo estudo tem importância vital para os grupos sociais e as ciências de modo geral. Portanto, a vivência e experiência precisam ser conhecidas, não somente as da atualidade, mas também as do passado, apresentadas na memória individual e coletiva dos homens. Lugar e homem constituem duas realidades interconexas e chaves explicativas para o conhecimento de ambos em seus múltiplos aspectos. É na experiência sensível com o lugar que o homem manifesta atitudes, sentimentos e emoções, e este investimento afetivo possibilita o surgimento do sentimento de apego e pertencimento a determinado lugar.

De acordo com Soulé (1997) identificam-se três dimensões do envolvimento entre a mente e a natureza: *experencial, analítica e valorativa* (Figura 1): a primeira corresponde ao primeiro contato de experiência imediata, sensorial da natureza, amparada pelo sistema sensorio-neural; a segunda é a analítica mental, responsável pelas complexas associações, concepção de teorias e surgimento de sistemas conceituais e a terceira é a valorativa, que implica na atribuição de valores, juízo e julgamentos.

**Figura 1**– As dimensões do envolvimento entre mente e natureza



Fonte: Soulé *in* Wilson (1997, p. 594).

O autor defende a ideia de uma “conceitualização multidimensional” do lugar com base na experiência, atividade essencial na mudança de valores e con-

dutas. A motivação para ver e ouvir o ambiente com novos olhares é o primeiro passo para que as pessoas valorizem a própria experiência e a percebam na vida cotidiana. Entretanto, elas se proíbem destas importantes atividades mentais, nas palavras de Henry Lefebvre, uma vez que “a vida cotidiana no mundo moderno restringiu a experiência afetiva e emocional” (1991, p. 199) o que também resulta na diminuição das atividades mentais. Este fato explica por que o envolvimento entre a pessoa e o ambiente é limitado e parcial, e isto, por sua vez, implica diretamente na construção do lugar.

De acordo com Leff (2000), lugar é o *locus* das capacidades e condições da população para reconstruir seus mundos de vida de onde pode emergir a nova identidade pessoal e cultural, normatizada por regras coletivas e democráticas de convivência social. É uma nova identidade de lugar, surgida na manifestação do real e do verdadeiro frente à racionalidade econômica instituída, que ignora a natureza e a cultura. O lugar sintetiza, expressa e é reflexo da nossa maneira de estar no mundo, pois o experienciamos como parte de nossa própria consciência. A experiência do lugar é uma parte universal e elementar da vida e fator de vital importância para a compreensão das relações existentes entre as ciências sociais e naturais, tendo como discussão central o homem.

Na opinião de Barros (2004), o conceito de lugar mostra uma tradição geográfica de *raiz fenomenológica* ligada aos conceitos de identidade e sentido do lugar ocupando um papel central na discussão dos fenômenos. Aliados a esta tradição, existem discursos vindos da *visão sociológico-valorativa*, que investiga os conceitos de pertencimento e identificação com os lugares. A raiz fenomenológica e a visão sociológico-valorativa, de certo modo, estão relacionadas com as dimensões do nosso envolvimento com a natureza.

Bachelard (2000), por sua vez, salienta que a “alma ou espírito do lugar” está oculto no espaço vivenciado e que para conhecê-la é necessário perceber e avaliar as atitudes da sociedade perante o meio ambiente. Somente esta atividade perceptiva poderá mostrar ao homem o sentido de lugar e contribuir para a construção deste. Então, torna-se evidente a importância do conhecimento da maneira como a sociedade percebe o meio ambiente para qualquer entendimento que se almeje sobre a construção do lugar.

O sentido de lugar nasce da proximidade e da conduta perante o espaço, mais próximo e íntimo, aponta os valores mais importantes na sua explicitação. Para tanto, é preciso integrar as formas e funções com a percepção, com a experiência que o homem tem do e no lugar. Castello (*in* Del Rio e Oliveira, 1999) pesquisou Porto Alegre e as relações dos moradores com o rio Guaíba, usando três tipos de categorias analíticas: *análise estrutural*, *análise perceptual* e *análise experiencial*. Na



primeira análise é conhecida a natureza morfológica e funcional do ambiente; na segunda se conhecem os mapas mentais e as imagens geradas pela forma urbana na cognição humana e na terceira tem-se o exame das experiências cotidianas, vivência e uso do ambiente.

O conceito lugar enseja o conhecimento do grau das relações entre o homem e o meio ambiente sendo, por isso, também instrumento conceitual para interpretação da realidade e formação de valores. A percepção e a interpretação das imagens e representações do lugar promovem a conscientização para a sua preservação, formação da cidadania e melhor qualidade de vida. Nesse caso é indispensável avaliar a influência da cultura na experiência do lugar e as possibilidades de novos hábitos culturais a partir de novas experiências no lugar.

Rojas (2001, p. 121) explica que “lugar e mundo estão muito próximos” e a escolha entre o estudo do lugar (espaço cotidiano) ou do espaço mundial quantitativo é assunto de discussão para muitos geógrafos contemporâneos que ignoraram o fato de o “espaço mundial cobrir o espaço cotidiano”. Para ele, esse dilema é desnecessário, pois vivência e objetividade marcham juntas na Geografia e a explicação mais racional depende da compreensão fenomenológica.

A *natureza* compreende o entorno, sítio, recursos naturais ao qual o homem atribui significados e valores dentro das relações sociais. O *significado* está ligado ao poder da mente construir a realidade, dotando-a de valores mentais, culturais e espirituais. As *relações sociais* coexistem no conceito integrado de lugar a partir das teorias sociais que resultam e, ao mesmo tempo, explicam e controlam a estrutura social. Portanto, lugar é uma *forma básica de integração* das perspectivas natural, social e humanista fundamental para nossa experiência de mundo, cabendo à Geografia representar e analisar esta experiência.

Bachelard (2000) trata da “alma ou espírito do lugar”, que esconde o espaço vivenciado e as explicações primeiras e as mais íntimas atitudes da pessoa. O filósofo da poesia defende “a importância do estudo da imaginação humana, uma vez que a imagem provém do coração, da alma, do homem visto na realidade”. (BACHELARD, 2000, p. 03). A imagem é um novo ser da linguagem que dá forma ao objeto, e o processo de sua produção implica em relações mais ativas e constantes entre a consciência humana e o próprio objeto.

Tuan (1983, p. 162) também tratou das imagens e suas implicações na assimilação do conhecimento, destacando que

As imagens e as idéias libertadas pela mente poucas vezes são originais. As avaliações e os julgamentos tendem a ser chavões. As intimidades efêmeras através da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de idéias desgastadas. As informações dos sentidos são afastadas



para favorecer o que nos foi ensinado ver e admirar. A experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente.

O lugar é o local onde o indivíduo se reconhece enquanto uma singularidade, que denota uma gama de significações comuns a ambos no contexto do espaço social e cultural, donde provém a identidade pessoal. Assim, percebe-se claramente, no lugar, a identidade do ser que ali está e, no indivíduo, o lugar construído por ele.

Machado (1992, p. 152) expressa que “cada imagem e idéia que temos do mundo é revestida de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória”. Cada lugar visitado, percorrido, imaginado e construído contribui para as imagens e símbolos, revelados na forma como a sociedade percebe o seu meio ambiente. Conseqüentemente, o lugar comporta códigos ou signos dispostos pela cultura que serão apropriados pelos sujeitos que, por sua vez, os transformam à medida que os adotam; por esta razão as representações também podem variar no interior de um mesmo grupo. Segundo a autora em pauta moldamos o lugar “[...] porque somos seres humanos capazes de representar o mundo exterior simbolicamente, pensar conceitualmente e comunicar nossos símbolos, conceitos e ideias” (p. 03)

Pred (1984, p. 279) considera que os geógrafos humanistas vêem o lugar como “centro dos valores e significados individuais e ligações emocionais”. Porém, lugar é um produto humano que sempre envolve a apropriação e transformação do espaço e da natureza, processos inseparáveis da reprodução e transformação da sociedade no tempo e no espaço. Ele apresenta uma teoria fundamentada nos processos históricos de formação do lugar que abrange as práticas institucionais e individuais bem como as formas estruturais entrelaçadas nas duas práticas. Também considera importante a tradição vidaliana que investiga a vida prática local e o conceito *genre de vie* (gênero de vida) como uma criação fundada no ambiente natural e nas atitudes tradicionais, valores, idéias, convicções e psicologia humana. De acordo com o autor o lugar é formado histórica e simultaneamente por elementos intrincados da prática individual e institucional, estrutura das relações de poder, transformação da natureza, formação pessoal e socialização e gêneros de vida e reprodução social.

Em Buttimer (1985, p. 228), encontra-se a constatação de que os estudos sobre o sentido de lugar, seja qual for a fonte de explicação, analisam diversos temas que se repetem constantemente, como a identidade, o significado e a própria experiência do lugar. A *identidade do lugar* é investigada de forma conectada à identidade pessoal e cultural transparecendo que lugar, pessoa e cultura estão intimamente unidas. Já os *significados* atribuídos ao lugar possuem várias dimensões: simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. Portanto interagimos

e estamos afiliados ao lugar. Quanto à *experiência no lugar*, Buttimer (1985) alerta que a interpretação objetiva sob uma perspectiva analítica não possibilita agrupar, entender e explicar as categorias significativas desta experiência.

Na investigação dos lugares é necessário determinar a posição da pessoa ou do próprio pesquisador, se está fora ou dentro do lugar, pois quem os vê de fora tenta decifrá-los e entendê-los da forma como deseja pensar, pré-estabelecida, e quem está dentro encontra-se imerso nos pormenores da vivência e ação cotidiana. Foi exatamente isso que Machado (1988) destacou ao estudar a Serra do Mar como espaço e como lugar na percepção dos seus moradores e visitantes.

Já Frémont (1980, p. 121-122) afirma que os lugares formam a “trama elementar do espaço”, seja qual for o local e o número de pessoas, constituindo combinações simples e banais, mas talvez as mais fundamentais das estruturas espaciais. Por isso podemos dizer que por meio dos lugares localizam-se os homens e as coisas e por meio destes pode-se conhecer os lugares. Segundo o autor (p. 139), o significado do lugar é “...uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos apresentado numa forma integrada à paisagem local e regional”.

A existência do lugar também depende de uma escala espacial, e determinados lugares foram e são intensamente investigados, tanto pela Geografia como pela Psicologia, Antropologia ou outras ciências humanas. Entre elas a casa, o bairro e a cidade são alguns espaços-lugares importantes para as pesquisas no campo da percepção ambiental.

No Brasil, merecem destaque, no campo da percepção em Geografia, os trabalhos principiados pela professora Livia de Oliveira e seguidores na UNESP de Rio Claro - SP e outros centros (Curitiba, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte). Os principais estudos foram reunidos na obra *Percepção ambiental: a experiência brasileira* (1999) sob a coordenação de Vicente Del Rio e Livia de Oliveira, em forma de uma coletânea das pesquisas importantes a respeito de percepção ambiental aplicadas à arquitetura e urbanismo, interpretação da realidade e educação ambiental.

Acerca da importância da percepção ambiental para o estudo das relações entre o homem e o meio ambiente, note-se que

Percepção passa a ser palavra-chave no estudo de interação homem-meio ambiente, uma vez que o contato direto, contínuo e prolongado com a paisagem, espaço ou lugar transforma as percepções individuais em importantes determinantes na avaliação de meios ambientes passados, presentes e futuros (MACHADO, 1998, p. 1).

A percepção é um processo dialético que absorve sujeito (homem) e objeto (lugar), filtrando as relações entre ambos, e as interfaces objetivas e subjetivas, expressas ou obscurecidas, entre a globalização e a individualidade. As percepções,

as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são elementos importantes na constituição do saber geográfico, e a produção do espaço geográfico e da paisagem se faz a partir do imaginário social.

A vivência e a mobilidade estão associadas na experiência do homem com o lugar e integram o cotidiano das relações sociais no trabalho, lazer, descanso, enfim todas suas ações individuais e coletivas. A existência humana está imbricada nas dimensões de movimento, tempo e lugar. A construção da identidade do lugar ocorre na dinâmica existencial de ritmos e paradas para *estar* e *ser* nos diferentes espaços de vida, ou seja, nos lugares. Atualmente a pessoa movimenta-se mais nos espaços e vivencia diariamente diversos lugares como se tivesse um local para cada ação: morar, trabalhar, divertir-se, comprar etc. Estes diferentes espaços correspondem às escalas clássicas de lugar.

### *Escalas clássicas de lugar*

As escalas clássicas de lugar ou espaços-lugares constituem locais geográficos e existenciais analisados por diversas disciplinas, e consideramos importante apresentar alguns pressupostos e fundamentos teóricos sobre a casa, a rua, o bairro e a cidade, pois estão interligados e compõem a discussão da identidade do lugar e da própria experiência humana com estes ambientes.

A **casa** é explorada como um lugar especial, o primeiro lugar da convivência, intimidade e laços familiares. Frémont (1980,) aponta o espaço vivido cheio de *contornos e profundezas*, onde as pessoas podem viver, identificando-se com o seu lugar, enfim, reconhecendo-se como alguém presente no mundo. Outros autores já investigaram esse tema; a casa ou habitat rural de Albert Demangeon; a casa como *marca essencial do homem* com Pierre Deffontaines; a casa na filosofia poética de Gaston Bachelard; a casa urbana de Henry Lefebvre e na arquitetura de Le Corbusier. A casa dá a segurança e a satisfação do *enraizamento* pelo qual o homem se fixa, fica tranqüilo e abrigado, descansa, enfim vive. Outro conceito semelhante ao enraizamento é o *arraigo*, explorado junto a um grupo de alcoólicos, no estudo do papel dos lugares na sua experiência vivida, por Godkin (*in* GARCÍA RAMON, 1985).

Hoje, cabe a indagação: Será que a casa oferece mesmo segurança no mundo contemporâneo tão violento das cidades? E nestes tempos de pandemia devido ao Covid-19, quais são os níveis de satisfação com nossa casa? Estas e outras razões precisam ser discutidas neste ponto em relação ao ambiente casa.

A casa do campo está tão associada ao significado de lugar para os que migraram para a cidade que aí eles reproduzem fragmentos dela, quando o espaço

possibilita. Um jardim, pequena horta, criação de aves, uma árvore, um cercado em frente à casa são os exemplos mais típicos dos fragmentos do antigo lugar. Por meio da história residencial o indivíduo constrói sua identidade residencial, o *attachment to place* ou *place-identify*, a identidade residencial que, para Proshansky (*apud* KUHNEN, 2003), vai influenciar na percepção e avaliação residencial e, por conseguinte, dos outros lugares (rua, bairro, cidade, entre outros).

Para Oliveira (2001), a casa ou o lar constitui o *centro mais profundo da existência* da vida humana, possuindo significado ímpar para ele; usando as palavras de Bachelard (2000), é o “corpo e alma”, vividos por pensamentos, lembranças e sonhos. É o lugar especial que estrutura e prepara a pessoa para a vida individual, coletiva, institucional, aprimorada nas interfaces vivenciais com os demais lugares (rua, vizinhanças, quarteirão, bairro, cidade, país, mundo).

O **bairro** é considerado pelos planejadores um lugar apenas como um “conceito intelectual” (TUAN, 1983, p. 188), mas não é assim identificado pelos moradores, que consideram uma parte mais íntima e experienciável, a começar pela rua onde moram. A identificação do bairro como lugar depende da experiência afetiva e emocional de cada habitante e do grupo na convivência social em festas, visitas, jantares, ente outros. A satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos – sua amizade e respeitabilidade – do que das características físicas da área residencial. Devido a complexidades das relações sociais que engendram os sentimentos entre os moradores de um bairro, este espaço-lugar é difícil de apreender.

A **cidade**, por seu lado, é um lugar, um centro de significados por excelência. Tuan (1983, p. 191) estudou as funções econômicas, políticas e religiosas de algumas cidades (Chang-an e Hang-Chou, Atenas, Roma, Londres e Los Angeles). O autor comenta que “as funções econômicas se multiplicaram e abafaram a identidade religiosa da cidade” (p. 192), de forma que nos Estados Unidos as cidades novas precisaram fazer uma propaganda estridente para atrair negócios e promover a fama. Para isso criou-se uma imagem impressionante fundamentada em cognomes (títulos ou alegorias) como “a maior”, “a mais central”, “a mais adiantada”. Assim, é apregoado o sentido de “orgulho individual ou coletivo que emerge do exercício do poder” (p.194). Tuan (1980, p. 259) conclui que a cidade é um “conceito abstraído como imagem e símbolo, enquanto o bairro é mais experienciado”.

Quanto aos os cognomes dados às cidades, referem-se mais à concorrência econômica do que a imagem construída na vontade popular. Trata-se de um “promocionismo, fruto das preocupações de certos grupos políticos ou econômicos específicos que desejam atrair a atenção pública” (TUAN, 1980, pp. 232-36). Os rótulos vêm acompanhados de imagem produzida, que seria a imagem fabricada,

conforme Bachelard (2000, p. 88), como expressão efêmera não produzida no bojo das relações sociais.

A cidade representa hoje o caos, e o seu sentido de lugar mudou muito. No passado ela significava a “ordem, a liberdade e a glória” (TUAN, 1983, p. 288), pois conseguia abrigar uma população atendendo, de certo modo, as necessidades e expectativas humanas e representando um local de convívio mais harmonioso nas relações sociais e nas relações entre o homem e o ambiente urbano.

Para Del Rio (1999, p. 22), alerta para o fato de que a “cidade precisa ser conhecida em suas múltiplas imagens que estão na mente dos usuários”, dentro de cada indivíduo para que se descubra e se construa o verdadeiro caráter do lugar, a partir das preferências e expectativas da coletividade.

A realização de eventos populares pode contribuir para a formação da autoconsciência local e da imagem do bairro ou cidade. A imagem deve compreender a realidade histórica e cultural e ser construída a partir da vivência e experiência de espaço e lugar da população com o meio ambiente. Entretanto, este processo fica à mercê do domínio e da imposição ideológica de imagens respaldadas no cunho econômico que interessa apenas às classes dominantes da sociedade, transmitidas pela mídia na propaganda em *slogans*. Tuan (1983) observa que as pessoas se esquecem facilmente da rica informação derivada da experiência com o lugar, pois predominam os conhecimentos concebidos e pragmáticos e elas se proíbem de sentir e contemplar com novos olhares.

De acordo com Kuhnen (2003), qualquer lugar tem sua identificação dependente da apropriação ou posse, que oferece a liberdade para o homem imprimir nele atributos ou signos moldando-o ao seu estilo. Portanto, a “apropriação é um processo de identificação e a impossibilidade desta apropriação conduz o indivíduo à estranheza e não pertença”, inclusive não lhe dá o dever de respeitar o espaço e o próprio lugar. É o que se observa com os comportamentos antiecológicos (queimadas, entulhos, lixo e outros) em terrenos baldios de posse privada e/ou pública.

É imprescindível pensar-se a identidade do lugar simultaneamente à reflexão acerca do indivíduo que habita e constrói este lugar, uma vez que a sociedade é produto dos lugares. Para Santos (1999), vive-se uma (re) contextualização das identidades que necessita de um esforço analítico e teórico para compreender as práticas ou comportamentos que conformam tanto as situações sociais como o lugar. A perda de nossa identidade inicia-se com a perda do lugar, esse estreito espaço de afetividades entre pessoas e natureza. O lugar resumiu-se (em parte) à nossa casa, em relação à qual nem sabemos embelezar, tratar do lixo, trocar afeto e dialogar com os familiares.

A manutenção de valores comuns e das práticas culturais que se perpetuam no cotidiano depende das relações interpessoais que ocorrem nos lugares e demanda decisões que em muito diferem de decisões de caráter em uma macroescala. É por esse aspecto que a ação política da classe trabalhadora deve acontecer, primeiramente, no lugar. Harvey (1996, p. 32) acredita ser extremamente relevantes o contexto de lugar e a ação, os quais não podem ser avaliados a não ser a partir de um caminho particular de análise que vai do lugar ao espaço e volta ao lugar.

Carlos (1996) considera o lugar a base da reprodução da vida, podendo ser entendido na tríade *habitante-identidade-lugar*, pois o homem vivencia os lugares na cidade onde habita, locomove-se, trabalha, passeia, reúne-se. Assim, pode-se buscar o entendimento do lugar nas ações mais triviais e familiares por meio da leitura sobre o viver e o habitar onde se descortina o mundo.

Santos (1996) observa a existência de relação dialógica ente o local e o global interferindo no lugar:

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. (...) Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (p. 272).

Sturza (2002) explana que o modelo econômico produzido pela ordem global impôs um cotidiano de vida no qual o homem preocupa-se apenas em produzir e manter os moldes de produção (reprodução). Para tanto o espaço é conquistado por meio da técnica, do capital e do trabalho e fica à mercê do capitalismo. O espaço adquiriu um valor de mercadoria, e a prática social alicerçada nas interfaces da globalização e individualidade facilita a reprodução da desigualdade social e acumulação capitalista. O vivido perdeu seu sentido no cotidiano e com ele os lugares são mais desconstruídos do que construídos. O ser humano não tem tempo para estar (**ser**) no espaço, mas sim para produzir dentro deste que já não é símbolo de liberdade, mas sim de prisão e matéria de produção. Fora do lugar (ou sem este), o homem tornou-se escravo espacial, pois perdeu a identidade e a inteligência emocional passando a ser instrumento de uma práxis conservadora, acrítica e antinatural. O lugar necessita ser (re) significado no bojo de interferências das rápidas mudanças e das interfaces entre globalização e individualidade.

A ordem, estruturação e dinâmica dos lugares denotam duas faces: a face mundial ou global (de cunho externo) e a face local (de cunho interno), o que conduz a compreensão da identidade e da própria construção do lugar para a análise tanto da conjuntura exterior como interior deste. A aceleração do tempo e das mudanças impostas no lugar, pela dinâmica da racionalidade global e local, acentua a diferenciação dos lugares em função de fortes processos de territoriali-



zação, desterritorialização e reterritorialização. Estes processos são responsáveis pela degradação da cultura local, que pode, contudo, ser minimizada com a recuperação do sentido de lugar, objeto e razão principal desta pesquisa.

No fenômeno da desterritorialização ocorre a perda dos vínculos com o lugar e com as relações nele efetivamente realizadas, devido à mobilidade constante que paira na vida moderna. Milton Santos, observando essa característica da vida atual, enfatiza que

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. Os homens mudam de lugar (...), mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa. Daí a idéia de desterritorialização. Desterritorialização é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização (SANTOS, 1996, p. 262).

A desterritorialização é resultante da evolução tecno-científica do mundo atual que interfere nos lugares impondo-lhes um cotidiano de modismos, comportamentos transitórios e valores fugazes que contribui para a perda de identidade nacional e dos lugares. A capacidade de ajustamento dos lugares a tal evolução é proporcional aos recursos físicos e humanos de que dispõem e usam; quando inexistentes tais recursos, os lugares são incapazes de acompanhá-la ficando a mercê da instabilidade gerada por ela. Todavia, é possível “a revitalização do lugar a partir do reconhecimento da estrutura e identificação que permite sua preservação com desenvolvimento e qualidade de vida” (SANTOS, 2000, p. 138).

O processo de desterritorialização na modernidade da dinâmica urbana movimenta os homens na direção do *apartheid*, da estranheza e estimula a exclusão e o sentimento estrangeiro. A chamada crise de identidade das pessoas está associada à crise dos lugares, porém a resistência dos movimentos urbanos e das organizações comunitárias, quando não comprometidos com determinados políticos e legendas partidárias, pode auxiliar na construção da identidade do indivíduo, grupo, comunidade e, por conseguinte, do próprio lugar. Ferreira (2004) verifica que a desterritorialização interrompe a construção social do lugar porque modifica os sistemas simbólicos de significados e valores criados por meio das práticas socioculturais.

Buttimer (1985) afirma que os imigrantes europeus trasladaram certos patrimônios culturais dos lugares de origem (arquitetura, música, festas, práticas agrícolas etc.) na intenção de *encarnar as imagens de sua terra* nos locais escolhidos para morar. Isso mostra o grau de integração entre a personalidade/identidade da pessoa e do lugar, que pode ser exemplificado pelos gaúchos residentes em Rondonópolis ao preservarem o hábito de tomar chimarrão, cultura típica do seu antigo lugar que continua na construção do novo lugar. Este processo foi inves-



tigado com propriedade na dissertação *O Voo das pandorgas: migração sulista para Rondonópolis – MT* (GOETTERT, 2000) e na tese *“Gaúchos” no Nordeste: modernidade, desterritorialização e identidade*, (HAESBAERT, 1995)

De acordo com Mello (1990) a cultura tecno-científica do mundo atual interfere na consciência individual e na consciência espacial. A consciência individual é condicionada, estereotipada, alienada e moldada por essa cultura, enquanto a consciência espacial é mediada pelo conjunto de informações do dia-a-dia, do processo educacional formal e dos meios de comunicação. O lugar, que compreende e reflete as duas consciências, evidencia as interferências no indivíduo e no espaço físico, pois é o substrato e símbolo da experiência entre ambos. A relação dos homens com os lugares e das duas consciências tem frequentemente uma dimensão coletiva e, assim, os lugares podem ser convertidos em símbolos de experiência comum.

Massey (1996) caracteriza as interferências econômicas, políticas e culturais dos processos mundiais ou globais nos lugares, especialmente a partir das novas tecnologias responsáveis pelas rápidas conexões das redes e pelos fluxos de capital e informação. Todavia, o lugar não pode ser visto como algo passivo e sítio de nostalgia que se opõe ao progresso e à história, mas algo que por si mesmo e na vontade individual e coletiva reconheça sua identidade nos processos e relações internas e com o exterior.

O contexto do mundo atual, atrelado aos processos políticos, econômicos e culturais mencionados acima, possibilitou o surgimento de importantes conceitos vinculados à natureza do relacionamento entre o homem e o lugar. Entre estes conceitos, que atualmente precisam ser mais investigados pela Geografia e por outras ciências humanas, salientamos a *topofilia*, a *topofobia* e o *topocídio*.

Amorim Filho (1999) propõe, de forma exploratória, o conceito *topo-reabilitação*, para reparar os efeitos do topocídio, para representar os processos e ações de resgate, reabilitação ou restauração dos lugares e paisagens em seus aspectos topofílicos. O autor considera que as forças de topo-reabilitação devem superar as forças topocídicas para a manutenção da memória coletiva e individual, a preservação da identidade cultural e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida nos lugares e paisagens.

## Não-lugar e suas expressões

A tradução do termo *placelessness* gerou diferentes conceitos em outras línguas. Ramon (1985) traduz *placelessness* como *deslocalización* e o define como sentimento

de *desenraizamento*, próprio da civilização atual que convive com lugares estandarizados e sem conotações emocionais, o qual em nada ajuda no desenvolvimento da identidade pessoal. Silva e Silva (2004) traduzem *placelessness* como *deslugar* para representar as paisagens monótonas, clonadas e desprovidas de identificação, tais como autoestradas, conjuntos habitacionais etc. Porém, o próprio Relph enfatiza que estas localidades podem vir a assumir um sentido de lugar, ou seja, possuir certa identidade para as pessoas. Mello (1990) também traduz o neologismo/conceito de Relph como *deslugar* ou *ausência de lugar*. Na verdade, o prefixo português **des-** tem origem controvertida: na junção das preposições latinas **de-** + **ex-** ou na romanização do prefixo **dis-**. Na língua portuguesa **des-** é um prefixo que indica *separação* e *negação* e que atribuiria para o vocábulo *deslugar* os sentidos de fora do lugar (separação) ou sem lugar (negação). (FERREIRA, 1975).

O conceito do *não-lugar* é investigado, principalmente, por geógrafos, antropólogos e arquitetos, cada qual com proposições teóricas e metodológicas adequadas aos propósitos de sua ciência e, sobretudo, à natureza da investigação. Os antropólogos o exploram tendo o homem como baliza central e como ser que se movimenta e permanece por certo tempo em diferentes locais. Os geógrafos estudam o não-lugar sob o foco das características da relação entre o homem e o ambiente, fundamentalmente nos aspectos de percepção, atitudes e valores.

O trabalho antropológico mais importante neste campo é o livro *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (AUGÈ, 1994), que aponta os centros comerciais, estações de serviços (aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários) e supermercados como não-lugares. Estes espaços são construídos, na maioria das vezes, com padrões idênticos de funções, estrutura e forma. A ambiguidade do termo exigiu do autor outros vocábulos adjacentes como, por exemplo, trânsito, moradia, identidade, anonimato, passageiro, viajante, comunicação e linguagem. Os aeroportos internacionais são exemplos de não-lugar com identidade global, pois neles transitam pessoas das diversas nacionalidades, culturas e línguas. Na realidade de hoje “...os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se e interpenetram-se...” (AUGÈ, 1994, p. 85), gerando subestruturas temporo-espaciais distintas geograficamente, mas co-existentes.

Na Geografia, o trabalho pioneiro e fundamental é *Place and placelessness*, de Relph (1976), que analisou a experiência do homem com o espaço e o lugar, as diferentes componentes e a identidade dos lugares. O autor relacionou os tipos de lugar e de não-lugar que são construídos ou desconstruídos atualmente, principalmente motivados pela tecnologia e avanço científico nas comunicações, pelo comércio e pela hegemonia do poder político e econômico.

Relph (1976) expõe que não-lugar é uma atitude ou expressão que se torna cada vez mais dominante, resultante da inautenticidade do homem frente ao lugar, que passa a ser construído sem experiências afetivas. O indivíduo age inconscientemente, no anonimato, pois os outros decidem e agem por ele, gerando a *inauthentic attitude of placelessness*, em outras palavras, uma atitude de fechamento humano para o mundo e possibilidades de ser e existir. Cria-se um mundo de objetos e modos de vida estereotipados, artificiais, desonestos e planejados pelos outros, no qual as atitudes com o lugar são inconscientes e as experiências são *casuais, superficiais e parciais*. Nos dias atuais, tem se perdido muito o sentido do lugar e cresce o *placelessness*, devido à inautenticidade das pessoas, presente no consumismo, na moradia e na técnica e planejamento. O primeiro destes três elementos, o consumismo, atrai as pessoas para a compra de objetos e serviços sem a preocupação em ter experiências emotivas com locais previamente preparados para tais interesses. A moradia (casa ou apartamento), por sua vez, é cada vez mais semelhante às demais, sem diferenciações próprias da individualidade e criatividade humanas, responsáveis pela identidade e valor do lugar. Quanto à técnica e ao planejamento, tanto privados como públicos, criam não-lugares na forma de prédios, monumentos, praças, entre outros locais sem representação da vontade e cultura local.

O mesmo autor (RELPH, 1976) considera que a mídia contribui direta e indiretamente para o enfraquecimento do lugar e para o aparecimento do não-lugar, por intermédio dos meios de comunicação, da cultura de massa, dos grandes negócios, da autoridade com poder central e do sistema econômico, que aglutina e reforça a ação dos anteriores. Ela mutila os valores culturais do lugar oferecendo (vendendo) novos valores dentro da perspectiva do consumismo e da transitoriedade, características do mundo atual. Para Spink e Medrado (2000, p. 57-58), a “mídia desempenha uma ação poderosa na compreensão da produção dos sentidos”, seja servindo de instrumento na conformação da consciência moderna, seja “dando grande visibilidade aos acontecimentos com novas informações e descobertas”. Ele considera importante a manutenção dos meios de experiência, criação e manutenção dos lugares, pois eles são fontes de segurança e identidade para os indivíduos e grupos sociais, um aspecto fundamental da existência humana no mundo.

O *desarraigo* ou desenraizamento, que conduz as pessoas para fora do lugar, é responsável por muitos problemas psiquiátricos da sociedade atual como, por exemplo, o alcoolismo, investigado no já referido trabalho de Godkin (1985) que pesquisou um grupo de alcoólicos, limitando-se a três deles devido à complexidade da pesquisa. O autor, que já tinha investigado a experiência humana do estresse

relacionado ao espaço, tempo e lugar (GOODKIN, 1977), concluiu que os alcoólicos trazem em suas memórias lugares-imagens positivas ou negativas de acordo com as fases da sua vida. Para ele o conhecimento das relações entre os lugares e as experiências humanas pode auxiliar no desenvolvimento de técnicas terapêuticas que resgatem situações ou entornos que propiciem o bem-estar ao indivíduo.

De acordo com Jiménez (2004), a realidade contém dois mundos: o mundo dos lugares e o mundo dos não-lugares. No mundo dos lugares, a cultura se baseia nos postulados essenciais da Razão e na palavra, como veículo do pensamento reflexivo e do conhecimento objetivo de um mundo fundado ontologicamente. Este mundo é sustentado pelos valores metafísicos do Bem e da Verdade, e imperam fortes princípios de diferenciação entre o bom e o mau, o real e o fictício, o verdadeiro e o falso e o belo e o feio. O outro pólo da realidade, o mundo dos não-lugares, já não é físico, nem local e supõe uma desterritorialização e desurbanização da vida humana. Nele foi abolida a dimensão espacial dos contatos humanos, já não se vive, somente se co-existe; assim, a tênue identidade é meramente representacional.

A importância do estudo do lugar dentro da Geografia continua sendo defendida por muitos, pois ele integra e espelha nossa análise de mundo com as interconexões entre concepções e usos do próprio lugar. Neste sentido, Sack defende que,

Puesto que tenemos unas buenas razones experimentales para creer que el lugar constituye un concepto central y en proporcionar una base común para nuestro análisis del mundo, la geografía debería esforzarse en comprender las maneras en que múltiples concepciones y usos del lugar pueden interconectarse (SACK, 1988, p. 240).

Machado (1988) encoraja os estudos com os lugares e as paisagens observando que ainda não foram identificados e estudados os profundos vínculos cognitivos e afetivos envolvidos na experiência humana com o meio ambiente. Por isso, acreditamos que este conhecimento deve emergir dos estudos de percepção do meio ambiente que auscultem as pessoas na convivência cotidiana de seus lugares e paisagens, condição primeira para se conhecer a identidade e a construção destes espaços-vida tão preciosos e tão arruinados na atualidade. É o caso do Brasil, rico em tantos lugares que são aniquilados (na prática do topocídio) em seus recursos naturais e culturais a cada dia, e a situação de Rondonópolis não é diferente.

O grande desafio para o geógrafo é permear as relações e mediações geográficas que existem entre o lugar como realidade objetiva ou espaço vivido e o lugar como realidade a ser explicada. No cerne deste dilema teórico e metodológico reside a clássica tensão geográfica, já apontada por Eric Dardel (2015), entre o conhecimento e a existência, em outras palavras, entre a explicação e a experiência. Acima de tudo, é necessário considerar o lugar como horizonte de expectativa e espaço de experiência:

o primeiro, contendo os desejos, sonhos e projetos e o segundo, a cultura, ideologia, tradição e trabalho. A natureza das relações entre o homem e o lugar requer uma abordagem contextual bem elaborada, balizada na percepção dos signos, imagens e símbolos das práticas cotidianas, e da constante interação entre ambos.

## Considerações finais

Nos tempos pós-modernos entrecruzam-se os lugares e os não-lugares na vida das pessoas, a ponto de antigos lugares tornarem-se espaços de estranheza e alguns não-lugares, novos espaços de afeição, pausas cotidianas. Este fenômeno ocorre devido ao atrelamento da vida cotidiana aos aspectos econômicos da produção (fazer no espaço produzido), em detrimento dos aspectos sociais e culturais (ser e existir no espaço vivido).

O não-lugar consolida-se como categoria de diversos espaços a diminuir os já escassos vínculos tofílicos com o lugar, cada vez mais comprimido pela expansão do espaço produzido. A cultura de massa e os meios de comunicação parecem, mesmo, contribuir cada vez mais para o surgimento e a manutenção dos não-lugares, perdendo-se o “porto seguro” de lugares clássicos como era a casa, vizinhança, o bairro.

A pandemia da Covid-19 está redefinindo nossa relação com o espaço, não com o espaço líquido, mas com o espaço físico e de maior proximidade: nossa casa. A casa se tornou estranha e já não se define totalmente com um lugar (*place*), ou seja, um espaço vivido, amado, experienciado. Aí reside uma crise na identidade do lugar e do “eu” (*place identity; self identity*) porque a crise é existencial. O ninho (casa) se tornou estranho e precisamos redescobri-la na sua natureza, significado e relações sociais.

Faz-se necessário revisitar e discutir categorias geográficas importantes como é o do lugar em suas diversas categorias e escalas. A Covid-19 tem sido um problema-estímulo também para a ciência geográfica discutir o humano não apenas no espaço produzido, mas também espaço vivido.

## Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, Vicente Del; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/ Editora da UFSCar, 1999. p. 139-52.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus. 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- BARROS, Claudia. De Rural A Rururbano: Transformaciones Territoriales y Construcción de Lugares al Sudoeste del Área Metropolitana de Buenos Aires. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, n. 45 (51), 01 agosto de 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em 20 de agosto de 2020.
- BUTTNER, Anne. Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMÓN, Maria Dolores. *Teoría y método en la geografía humana anglosajonica*. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. p. 227- 41.
- CLAVAL, Paul. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. *Boletín de la A. G. E.*, Sevilla, n. 34, p. 21-39, 2002.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 3-22.
- FERREIRA, Alvaro Henrique de Souza. *Novas tecnologias de informação e comunicação e o teletrabalho: um caso de enclausuramento sócio-espacial*. Disponível em: [https://www.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism\\_materials/souza.htm](https://www.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism_materials/souza.htm). Acesso em: 20 ago. 2020.
- FERREIRA, Aurélio B. de. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GARCÍA RAMON, Maria D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajonica*. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. p. 242-253.
- GODKIN, Michael A. Identidad y lugar: aplicaciones clinicas basadas em las nociones de arraigo y desarrollo. In: GARCÍA RAMON, Maria D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajonica*. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. p. 242-253
- GODKIN, Michael A. *Space, time and place in the human experience of stress*. 1977. Tese (Doutorado) – Universidade de Clark, Worcester, 1977.
- GOETTERT, Jones D. *O vôo das pandorgas: migração sulista para Rondonópolis – MT*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- HAESBAERT, Rogério. “Gaúchos” no Nordeste: modernidade, desterritorialização e identidade. 1995. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- HARVEY, David. *Justice, nature & geography of difference*. Oxford, UK: Blackwell, 1996.
- JIMÉNEZ, Rafael Vidal. La Red y la destrucción de la identidad. *Especulo - Revista de Estudios Literários*, Madrid, n. 17, 2001.
- KUHNEN, Ariane. *Psicologia ambiental: representações sociais e meio ambiente*. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://ambiente.hpvip.com.br/002.html>. Acesso: 18 fev. 2003.
- LEFF, Enrique. Espaço, lugar y tiempo: la reapropiación social de la naturaleza y la construcción local de la racionalidad ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 1, p. 57-69, jan./jul. 2000.
- MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. *A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada*. 1988. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1988.
- MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Países imaginados e paisagens reencontradas. *Geografia*, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 152-54, abr. 1992.



- MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 121-38.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 91-115, out/dez. 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Livia de. Percepção do meio ambiente e geografia. *OLAM – Ciência & Tecnologia*, Rio Claro, v., 1, n. 2, nov. 2001. (cd-rom).
- OLIVEIRA, Livia de; MACHADO, Lucy Marion C. P. Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade. In: VITTE, Antonio C.; GUERRA, Antonio J. T. (orgs.). *Reflexões sobre a geografia física brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2004. p. 129-152.
- PAULA CARVALHO, José Carlos de. Mitoanálise organizacional: arquetipologia social e imaginário grupal. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 53-91, jan./jun. 1992.
- PRED, Allan. Place as historically contingent process: structuration and the time-geography of becoming places. *Annals of the Association of American Geographers*, Abingdon, v. 74, n. 2, p. 279-297, jun. 1984.
- PROSHANSKY, Harold M. The city and self-identity. *Environment and Behavior*, New London, v. 10, n. 2, jun. 1978.
- RAMÓN, Maria Dolores Garcia. *Nuevos horizontes geográficos em las décadas de los 70 y los 80: hacia una geografía humanística*. In: GARCÍA RAMÓN, Maria Dolores. *Teoría y método en la geografía humana anglosajónica*. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. p. 219-226.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- ROJAS, Juan Carlos Gomes. La experiencia cultural del espacio: el espacio vivido y el espacio abstracto. Uma perspectiva ricoeureana. *Investigaciones Geográficas*, Cidade do México, n. 44, p. 119-125, 2001.
- SACK, Robert David. El lugar y su relación com los recientes debates interdisciplinarios. *Documents D'Anàlisi Geogràfica*, Barcelona, n. 12, p. 223-241, 1988.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SILVA, Carlos Alberto F. da; SILVA, Michele Tancaman C. da. *A dimensão sócioespacial do ciberespaço: uma nota*. Disponível em: <http://www.tamandare.g12/cidadedigital>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- SOULÉ, Michael Ellman. Mente na biosfera; mente da biosfera. In: WILSON, Edward O. *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 593-98.
- SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary J. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-62.
- STURZA, José Adolfo Iriam. Percepção da paisagem em Rondonópolis – MT sob o prisma da globalização e da individualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2002, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa, 2002 (Cd-rom.).
- STURZA, José Adolfo Iriam. *Lugar e não-lugar em Rondonópolis-MT: um estudo de cognição ambiental*. 2005. 163 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2005.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- WILSON, Edward O. *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.